

## A temática indígena em museus: questões sobre a diversidade cultural e os desafios para a colaboração indígena

### The indigenous theme in museums: questions about cultural diversity and challenges for indigenous collaboration

Leilane Patricia de Lima<sup>1</sup>

DOI 10.26512/museologia.v10i19.34527

259

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

#### Resumo

Neste artigo retomarei os resultados parciais de um estudo de pós-doutoramento no qual um dos objetivos foi analisar a apresentação da temática indígena em exposições de instituições museológicas localizadas no oeste do estado de São Paulo e no norte do estado do Paraná. A partir desses resultados parciais, abordarei o tema da diversidade cultural, em uma perspectiva histórica, e farei reflexões sobre a colaboração indígena em museus, trazendo alguns exemplos de museus que desenvolvem ações colaborativas com indígenas nos estados de São Paulo e do Paraná.

#### Palavras-chave

Museu. Exposição. Temática Indígena. Diversidade Cultural. Colaboração Indígena.

#### Abstract

In this article I will resume the partial results of a post-doctoral study in which one of the objectives was to analyze the presentation of the indigenous theme in exhibitions of museums located in the west of the state of São Paulo and in the north of the state of Paraná. From these partial results, I will approach the theme of cultural diversity, in a historical perspective, and reflect on indigenous collaboration in museums, bringing some examples of museums that develop collaborative actions with indigenous people in the states of São Paulo and Paraná.

#### Keywords

Museum. Exhibition. Indigenous Themes. Cultural Diversity. Indigenous Collaboration.

#### Introdução

A temática indígena precisa ser mais fortalecida e mais valorizada nos diversos setores da sociedade brasileira. Em se tratando do setor cultural, especificamente no que diz respeito aos museus, desde a década de 1990, foi possível registrar diálogos e iniciativas que aproximaram as instituições museológicas e os povos indígenas no Brasil.

De um lado, grupos indígenas apropriaram-se do museu como ferramenta política e passaram a constituir seus próprios museus<sup>2</sup>, feitos por eles e para eles, mas também para dialogar com a sociedade brasileira (CURY, 2017a: 101).

<sup>1</sup> Historiadora pela Universidade Estadual de Londrina (UEL, 2004), mestre (2009) e doutora (2014) em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutorado em Museologia no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP e no Departamento de Ciências e Técnicas do Patrimônio da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (DCTP-FLUP), com auxílio financeiro da FAPESP. Investigadora colaboradora do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (CITCEM-FLUP) e pesquisadora convidada do InterMuseologias – Laboratório Interfaces entre Museologias - Comunicação, Mediação, Públicos e Recepção (MAE-USP). E-mail: leilanelima@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4684-2997>

<sup>2</sup> Sobre um panorama de museus indígenas existentes no Brasil, consultar Cury (2017a: 98-101).

A Temática Indígena em museus:

questões sobre a diversidade cultural e os desafios para a colaboração indígena

Tais museus têm suas lógicas próprias e seus mecanismos específicos de controle e de gestão (GRUPIONI, 2008: 28), foram e ainda são concebidos pelos indígenas como espaços de lutas, de visibilidades, de reafirmações étnicas, potentes no papel educativo e mobilizador e importantes nos exercícios de organizar e comunicar memórias e de revigorar e fortalecer identidades culturais (FREIRE, 2009: 249; ABREU, 2012: 285-312; ATHIAS e GOMES, 2016: 17-26).

De outro lado, foram percebidos movimentos, também desde os anos de 1990, em instituições museológicas tradicionais, referentes aos processos de descolonização dessas instituições<sup>3</sup>, algo que têm proporcionado a descoberta, por parte dos povos indígenas, de museus e de acervos até então desconhecidos e que têm oportunizado novas propostas comunicacionais e novas práticas curatoriais, entre pesquisadores, profissionais de museus e indígenas (GRUPIONI, 2008: 28-29; FREIRE, 2009: 226-247; NASCENTE, 2011: 58-63; CURY, 2017a: 88; CURY, 2019a: 323-335). Nas palavras de Russi e Abreu,

(...) nos chamados “museus tradicionais” e, em particular, nos museus antropológicos e etnográficos, gradualmente se experimentam novas práticas museológicas, indo desde o processo do colecionamento e documentação até o processo de exposição ou difusão do conhecimento produzido. Essas práticas se abrem a participação plural de equipes interdisciplinares com representantes de movimentos sociais e remanescentes de povos e culturas que o museu se propõe a estudar e representar. Tal tendência tem sido identificada de maneira geral pela expressão “museologia colaborativa” ou “museologia compartilhada” e tem despertado o interesse de estudos contemporâneos (RUSSI e ABREU, 2019: 21).

Embora haja exemplos muito positivos relacionados à atuação de grupos indígenas como agentes e como curadores<sup>4</sup> nas instituições museológicas tradicionais, ainda há um caminho a ser seguido para que os povos indígenas tenham seus espaços de participação e de colaboração garantidos e os seus direitos respeitados nos museus, quanto à autorrepresentação, à identidade, à história e à memória (ROCA, 2015a: 142; ROCA 2015b: 121).

Diante dessas considerações, proponho, com este texto, retomar algumas questões apresentadas no capítulo de minha autoria “A comunicação em museus e a temática indígena em exposições: questões gerais e desafios atuais”, publicado no livro *Museus etnográficos e indígenas: aprofundando questões, reformulando ações* (2020), organizado por Marília Xavier Cury, com o apoio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa (SEC-SP), da Associação Cultural de Apoio ao Museu Casa de Portinari (ACAM Portinari) e do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). Neste capítulo apresentei uma análise sobre a temática indígena em exposições de instituições museológicas localizadas no oeste do estado de São Paulo e no norte do estado do Paraná.

A partir dessa análise, que neste texto apresentarei de maneira sucinta, abordarei o tema da diversidade cultural, em uma perspectiva histórica, e farei

3 A descolonização dos museus implica, sobretudo, a descolonização dos fazeres museais, proporcionando o envolvimento de novos sujeitos na cena museológica, antes relegados à categoria de objetos de musealização. Nas palavras de Brulon (2020: 26), “(...) descolonizar museus e patrimônios é desnaturalizar a matéria sedimentada nas reservas técnicas dos séculos anteriores para imaginar outras materializações possíveis, para além dos regimes normativos que engendraram a museologia que nos foi legada (...)”.

4 Curadoria, aqui, é entendida como todas as ações em torno do objeto museológico: a formação de acervo, a pesquisa, a salvaguarda (conservação e documentação museológica) e a comunicação (exposição e educação). A partir dessa concepção, o papel do curador se amplia, ou seja, são curadores todos aqueles que participam do processo curatorial (CURY, 2009: 32-33).

reflexões sobre a colaboração indígena em museus, trazendo alguns exemplos de museus que desenvolvem ações colaborativas com indígenas nos estados de São Paulo e do Paraná. As reflexões que serão apresentadas, longe de se pretenderem totalizantes e conclusivas, são elementos que podem ajudar na proposição de desafios às instituições museológicas, no sentido de desenvolver ações que tenham a promoção da diversidade cultural dos povos indígenas como compromisso prioritário e a colaboração indígena como método fundamental.

### **A temática indígena em museus: resultados parciais de um estudo**

A pesquisa de pós-doutorado denominada “Os Museus de Arqueologia e a Arqueologia nos Museus: análise de exposições museais no oeste de São Paulo e norte do Paraná” esteve vinculada ao MAE-USP, sob supervisão de Marília Xavier Cury, entre os anos de 2015 e 2020, com o auxílio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Esta investigação foi orientada para o eixo temático Museologia e Comunicação Museológica, Museografia e Museu, Coleções Indígenas e Exposição. Seus propósitos principais foram colaborar na construção de conhecimentos sobre a comunicação em museus e colaborar na verificação de como o patrimônio indígena musealizado participa de construções identitárias e de memórias, como é usado, ativado e negociado nas narrativas museais, uma vez que os museus se estabeleceram como locais privilegiados não somente de salvaguarda, mas também de comunicação de acervos indígenas.

É preciso destacar que a comunicação da temática indígena em museus é apresentada de diferentes maneiras e com diferentes recursos e é representada não apenas por artefatos arqueológicos, como ainda por objetos etnográficos (OLIVEIRA, 2007: 75-76; SALADINO, 2017: 93; THOMPSON, 2014: 258; VELTHEM, 2012: 52). Nesse sentido, a pesquisa desenvolvida associou a arqueologia e a etnografia para tentar entender a comunicação da temática indígena a partir das exposições apresentadas.

Como *locus* da investigação foi proposto um recorte regionalizado, com intuito de contemplar municípios de duas unidades geopolíticas vizinhas, São Paulo (região centro-oeste do estado) e Paraná (região norte do estado). Ambas as regiões e seus respectivos municípios compartilharam processos de ocupação humana e de colonização bastante semelhantes. Primeiramente, populações indígenas pré-históricas e históricas habitaram essas regiões e, em seguida, a colonização esteve relacionada à expansão da cafeicultura, ou seja, forma capitalista de ocupação e de uso da terra – entre o final do século XIX e o início do século XX - com a presença de frentes pioneiras de ocupação, de ferrovias, de terras boas para o cultivo do café e de outros produtos, de investimentos da iniciativa privada, de imigração etc. (LIMA, 2016: 120).

Em se tratando dos recursos metodológicos utilizados, foram realizadas visitas técnicas às instituições museológicas e, por sua vez, aos seus espaços expositivos. Para levantar as informações de modo padronizado, durante as visitas, foi aplicado um instrumento de pesquisa denominado *Roteiro de análise de museus e de exposições*<sup>5</sup>. Este instrumento foi baseado no *Roteiro de Observação para Visita a Museus* (2013) e nas categorias e nas questões apresentadas no projeto *Análise de Exposições Antropológicas* (2012a), ambos de autoria da museóloga, da

5 Mais informações sobre o *Roteiro de análise de museus e de exposições*, consultar Lima (2016: 21-23).

A Temática Indígena em museus:

questões sobre a diversidade cultural e os desafios para a colaboração indígena

docente e da pesquisadora Marília Xavier Cury. Tais itens, categorias e questões sinalizaram para uma análise conectada entre museu, exposição, objeto e visitante.

Ao todo foram realizadas visitas técnicas a 57 instituições<sup>6</sup> (conforme Tabela 1). Tais instituições são de tipologias multiformes (centros culturais, memoriais e museus), associadas às disciplinas, às temáticas e às especialidades que as caracterizam (Museus de Arqueologia, de História (a maioria deles), de Ciências, de Geologia, de História Natural), com naturezas administrativas distintas – museus privados, públicos estaduais, públicos municipais, mistos; e acervos variados: Antropologia e Etnografia, Arqueologia, Artes Visuais, Ciências Naturais e História Natural, Ciência e Tecnologia, História, Imagem e Som, Biblioteconômico e Documental (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM), 2011:19-20).

Tabela 1. Museus visitados, estados de São Paulo e Paraná

| <b>Estado de São Paulo</b> |   |                    |          |
|----------------------------|---|--------------------|----------|
| Municípios                 | Instituições  | Acesso à Exposição |          |
|                            |   | Sim                | Não      |
| Assis                      | Museu e Arquivo Histórico de Assis – Casa de Taipa “José de Freitas Garcez” e Anexo “José Giorgi” | X                  |          |
|                            | Museu Ferroviário Agenor Francisco Felizardo  | X                  |          |
| Paraguaçu Paulista         | Museu e Arquivo Histórico Jornalista José Jorge Júnior  | X                  |          |
| Iepê                       | Museu de Arqueologia de Iepê  | X                  |          |
|                            | Museu Histórico da Igreja Presbiteriana Independente de Iepê                                      | X                  |          |
| Pedrinhas Paulista         | Centro Cultural (Museu dos Pioneiros)   | X                  |          |
| Gália                      | Centro Cultural (Museu Municipal de Gália)  | X                  |          |
| Garça                      | Museu Histórico e Pedagógico de Garça   | X                  |          |
| Marília                    | Museu Histórico e Pedagógico Embaixador Hélio Antônio Scarabôtollo                                | X                  |          |
|                            | Museu de Paleontologia de Marília   | X                  |          |
| Vera Cruz                  | Memorial de Vera Cruz   |                    | X        |
| Bastos                     | Museu Histórico Regional Saburo Yamanaka  | X                  |          |
| Tupã                       | Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre  | X                  |          |
|                            | Museu Histórico de Varpa Janis Erdberges  | X                  |          |
| Bauru                      | Museu Ferroviário Regional  | X                  |          |
|                            | Museu Histórico Municipal   |                    | X        |
| Ourinhos                   | Museu Municipal Histórico e Pedagógico de Ourinhos  | X                  |          |
| Presidente Prudente        | Centro de Museologia, Antropologia e Arqueologia  | X                  |          |
|                            | Museu Prefeito Antônio Sandoval Netto   | X                  |          |
| Chavantes                  | Museu Histórico Municipal Adibe Abdo do Rio   |                    | X        |
| Piraju                     | Museu Histórico Constantino Leman   | X                  |          |
|                            | Centro Regional de Arqueologia Ambiental Mário Neme (USP)   | X                  |          |
| Santa Cruz do Rio Pardo    | Museu Histórico Pedagógico de Santa Cruz do Rio Pardo “Ernesto Bertoldi”                          | X                  |          |
|                            | <b>Total</b>  | <b>20</b>          | <b>3</b> |

6 Das 57 instituições visitadas, 47 tiveram suas exposições analisadas. Não foi possível analisar as outras por diferentes razões: ou porque os museus foram completamente desativados ou estavam inativos temporariamente (7 no total) ou porque somente as exposições estavam inativas (3 no total), com o funcionamento normal de outros setores.

| <b>Estado do Paraná</b> |   |                            |          |
|-------------------------|---|----------------------------|----------|
| Cafeara                 | Museu Histórico Municipal João Rissati  | X                          |          |
| Colorado                | Museu Municipal de Colorado   |                            | X        |
| Uniflor                 | Fundação Museu Histórico e Centro Cultural Professora Maria Aparecida da Silva Ayres  |                            | X        |
| Itaguajé                | Casa da Cultura José Pereira Neto   |                            | X        |
| Santo Inácio            | Museu Histórico de Santo Inácio   | X                          |          |
| Bela V. Paraíso         | Museu Municipal Gecy Fonseca  |                            | X        |
| Porecatu                | Museu Municipal José Jabur  | X                          |          |
| Sertanópolis            | Museu Histórico de Sertanópolis   | X                          |          |
| Cambé                   | Museu Histórico de Cambé  | X                          |          |
| Londrina                | Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss<br>Museu de Geologia e Pedologia (UEL)<br>Museu da Sociedade Rural do Paraná<br>Centro de Referência, Memória e Cultura Indígena<br>Centro de Visitantes Mata dos Godoy                              | X<br>X<br>X<br>X<br>X      |          |
| Ibiporã                 | Museu Histórico e de Artes de Ibiporã<br>Museu do Café de Ibiporã   | X<br>X                     | X        |
| Jataizinho              | Museu Histórico de Jataizinho   | X                          |          |
| Arapongas               | Museu de Arte e História de Arapongas   | X                          |          |
| Rolândia                | Museu Municipal de Rolândia<br>Museu da Imigração Japonesa<br>Fazenda Bimini  | X<br>X<br>X                |          |
| Maringá                 | Museu Dinâmico Interdisciplinar (UEM)<br>Museu da Bacia do Paraná (UEM)<br>Museu de Geologia (UEM)<br>Museu de História e Artes Hélenon Borba Côrtes<br>Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história (UEM)<br>Museu Histórico (Unicesumar) | X<br>X<br>X<br>X<br>X<br>X | X        |
| Floriano                | Memorial Kimura   | X                          |          |
| Cornélio Procópio       | Museu de História Natural Mozart de Oliveira Vallim<br>Museu Histórico de Cornélio Procópio   | X<br>X                     |          |
| Apucarana               | Museu David Cordeiro  |                            | X        |
| Mandaguari              | Museu Cocari<br>Museu Histórico Professora Elizabeth Ana Fontes   | X<br>X                     |          |
| Marialva                | Museu Memorial de Marialva Marco Arthur Saldanha Rocha (Prof. Tuta)   | X                          |          |
|                         | <b>Total</b>  | <b>27</b>                  | <b>7</b> |

Fonte: Elaborado pela autora

Dessas 57 instituições visitadas, 50% possuíam acervos indígenas etnográficos e 64% acervos arqueológicos, provenientes, sobretudo, de doações, de coletas e de escavações, porém, nem todos os museus estavam com esses acervos expostos no momento da visita técnica. Dos 32 museus que tinham acervos arqueológicos, 25 deles apresentavam-nos em suas exposições. Dos 25 museus que possuíam acervos etnográficos, 18 deles apresentavam-nos em suas exposições.

No que se refere aos resultados sobre a temática indígena em exposições, em uma perspectiva mais específica, focando apenas no(s) objeto(s), foi possível identificar algumas questões relacionadas à procedência, aos espaços ocupados e à acomodação dos acervos indígenas.

A Temática Indígena em museus:

questões sobre a diversidade cultural e os desafios para a colaboração indígena

A respeito da procedência desses objetos e dessas coleções apresentadas, a maior parte não era indicada. Dos que tinham sua procedência apresentada em ambiente expositivo, parte deles era local-regional, como também de outros estados e de outros países (menos comuns). Em se tratando dos espaços ocupados por esses objetos, identifiquei situações em que eles eram apresentados em um espaço pontual (gavetas, vitrines, por exemplo), em salas e/ou seções específicas (Arqueologia, Pré-História, História, Etnografia, Ciências Naturais) e, finalmente, por todo o espaço da exposição. Em relação à acomodação, grande parte dos artefatos estava disposta em vitrines. Entretanto, também identifiquei outros locais de acomodação: em paredes, em suportes ou diretamente no chão, em armários, em gavetas e em cômodas, dispostos ou no início, ou no meio ou no fim dos percursos expositivos. Mais comumente agrupados por matéria-prima, forma, função e tipo, acompanhados por legendas, textos, painéis e, em menor número, fotografias, ilustrações, mapas, maquetes, vídeos, manequins, cores; e também sem nenhum desses recursos expográficos.

Em uma perspectiva mais ampla, sobre a comunicação da temática indígena em exposições, os artefatos foram analisados como integrantes de narrativas e de discursos museais e como ajudantes na composição de modelos expográficos que usam acervos indígenas em suas propostas comunicacionais. Nesse contexto, inspirada nas discussões apresentadas no artigo *Objetos indígenas: do artificial ao imaterial*, de Analucia Thompson (2014), identifiquei alguns possíveis sentidos atribuídos aos objetos indígenas como *naturalia*, *artificialia*, espécimes naturais, científicos primitivos e patrimoniais. Tais sentidos foram muito compatíveis com aqueles que foram atribuídos aos objetos indígenas ao longo da trajetória de constituição de museus modernos.

Por exemplo, alguns museus municipais apresentaram exposições constituídas por pequenas coleções de objetos dos mais variados, agrupados por semelhança e amparados por vagas e esparsas legendas. Nestes museus identifiquei objetos indígenas apresentados como *naturalia* ou como *artificialia*. Estes objetos encontravam-se ou misturados aos acervos naturais, confundindo-se com a fauna, a flora e a mineralogia e transmitindo a sensação de que tais artefatos não teriam origem humana, mas natural (*naturalia*), ou misturados aos acervos culturais, ou seja, como sendo de origem humana (*artificialia*), pertencentes às “civilizações indígenas”. Diante disso, em tais espaços municipais, as propostas expositivas aludiam, na devida proporção e distanciamento, a pequenos gabinetes de curiosidades.

Em outros museus, identifiquei objetos indígenas apresentados como espécimes naturais. Estes objetos encontravam-se em exposições de acervos naturais, amparados por restritas informações, organizados isoladamente ou em grupo, em uma perspectiva mais classificatória e mais subordinada à História Natural, ocupando um espaço pontual dentro da exposição (vitrine) ou uma sala própria. Nestes casos as propostas expositivas remetiam, também na devida proporção e distanciamento, a pequenos gabinetes de História Natural.

Em outro grupo de museus, as propostas expositivas evocaram paradigmas europeus e discursos disciplinares que influenciaram as discussões e o desenvolvimento científico no âmbito das Ciências Humanas. Neste conjunto de museus identifiquei objetos indígenas apresentados como científicos primitivos. Em museus arqueológicos, o sentido científico primitivo ficou evidente em arranjos expositivos nos quais os objetos indígenas foram organizados de acordo com os períodos cronológicos (Idade da Pedra Lascada e Idade da Pedra Polida), com as técnicas de produção (lascamento e polimento) e com os

estágios evolutivos (caçadores-coletores, nômades; horticultores-ceramistas, sedentários) para apresentar sucessivas ocupações humanas pré-históricas. Em museus históricos, o sentido científico primitivo foi identificado em arranjos expositivos nos quais o discurso missionário e civilizador ganhou destaque, contribuindo para que a temática indígena fosse usada na representação do passado pré-histórico e do índio “genérico”, habitante “primitivo” e “selvagem” de um “sertão”, sendo expostos, em algumas situações, artefatos não diferenciados como arqueológicos e etnográficos, oriundos de populações distantes geograficamente, diferentes culturalmente e distintas cronologicamente. Em museus antropológicos, o sentido científico primitivo foi identificado em discursos expositivos nos quais os objetos indígenas, as imagens e as informações correlatas foram organizados em unidades socioculturais, com destaque para a procedência cultural dos acervos expostos.

Como último exemplo, em um dos museus, identifiquei proposta comunicacional que evocou o sentido patrimonial. Em tal caso, os acervos indígenas foram apresentados em exposição como patrimônios étnicos e específicos, constituídos e analisados a partir de múltiplos aspectos: tecnológico, estético, simbólico, cosmológico, histórico etc.

Em linhas gerais, esses resultados apontaram que a temática indígena, nas exposições visitadas, atende, sobretudo, às lógicas e aos discursos disciplinares, ficando muito dependente dos campos científicos com os quais esses museus dialogam, seja a História, a Antropologia, a Arqueologia ou as Ciências Naturais, e estando ainda muito distantes das visões e das expectativas dos próprios grupos indígenas (OLIVEIRA e SANTOS, 2019). Ademais, esses resultados sugeriram que ainda há um percurso a ser seguido para integrar a diversidade cultural dos povos indígenas aos museus como prática de incorporação de outras narrativas, muito além das abordagens disciplinares e muito além do que a hegemonia da colonização (LORENTE, 2011; OLIVEIRA e SANTOS, 2016). Há, nesse sentido, a necessidade de realizar ações mais plurais que garantam aos indígenas seus espaços de colaboração como curadores nas instituições museológicas.

### **A promoção da diversidade cultural como compromisso dos museus: apontamentos históricos**

Em 18 de maio de 2020, foi celebrado pela comunidade mundial de museus o Dia Internacional de Museus (DIM). O tema proposto pelo Conselho Internacional de Museus (Icom), neste ano, foi *Museus para a igualdade: diversidade e inclusão*. A proposta temática celebrou, em circunstâncias excepcionais com os museus fechados aos públicos, as múltiplas perspectivas que compõem os museus, suas comunidades e as pessoas e defendeu os instrumentos e os meios que identificam e que superam os preconceitos que os museus exibem nas histórias que contam.

Este tema, bastante oportuno e potente em relação à multiplicidade de discussões que pode impulsionar, destacou a promoção da diversidade e da inclusão como propósitos fundamentais para os museus na contemporaneidade. A questão de fundo é transformar o museu em instituição mais democrática e mais igualitária, capaz de promover o equilíbrio nas oportunidades, nas representações e nos acessos. De acordo com Suay Aksoy, que na ocasião era presidente do Icom<sup>7</sup>, o tema escolhido teve um objetivo claro: promover os museus

<sup>7</sup> Sobre isso veja: <https://icom.museum/es/news/dia-internacional-de-los-museos-2020-mensaje-de-la-presidenta-2/>. Cabe ressaltar que em 19 de junho de 2020, após a renúncia com efeito imediato da

A Temática Indígena em museus:

questões sobre a diversidade cultural e os desafios para a colaboração indígena

como um meio importante para o desenvolvimento da compreensão mútua, da cooperação e da paz entre os povos, visto que não há paz sem igualdade de oportunidade, de representação e de acesso para todos e também não há paz sem que a descolonização entre nas instituições museológicas.

Para discutir sobre um dos propósitos para os museus na contemporaneidade, a promoção da diversidade cultural, apresentarei algumas reflexões e destacarei alguns apontamentos históricos. O termo diversidade tem a sua origem etimológica no latim *diversitas*. A junção do ato de virar (*uerto/uerso*, *viro*) com o prefixo *dis* (dois, separado em duas partes) indica a posição de um observador diante de diferentes coisas, pessoas e/ou ideias, ou seja, o termo diversidade remete à variedade ou à diferença (FUNARI, 2020). Nas palavras de Moniz sobre diversidade,

É a representação, em um determinado sistema social, da multiplicidade de diferenças e similaridades que existem entre os indivíduos ou os grupos que os representam. É a qualidade do diverso (...), por oposição à cultura de grupo, à homogeneização de culturas ou à monocultura (...). A noção de diversidade está, portanto, associada aos conceitos de pluralidade (...), multiplicidade ou heterogeneidade, dizendo respeito à miríade de ideias, características ou elementos distintos que distinguem os indivíduos sobre um determinado assunto, contexto ou ambiente. É (...) um vocábulo “incorrigivelmente plural” e (...) incontornavelmente associado à multiplicidade de identificações culturais de cada grupo social (...) (MONIZ, 2019:94).

Este conceito amplo, complexo e fluido, associado à cultura, há tempos atraiu a atenção dos cientistas sociais. Em linhas gerais, o debate em torno da diversidade cultural e de sua apropriação como instrumento político foi essencial a partir da segunda metade do século XX. A criação da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, contribuiu para a valorização da diversidade cultural e para o enfrentamento de posturas nacionalistas e imperialistas.

Também nesse momento, outro importante instrumento para promover a diversidade cultural e para combater o racismo foi o *Musée de l'Homme* (Museu do Homem)<sup>8</sup>, criado em 1938, em Paris. Este museu foi fruto dos esforços de antropólogos como Claude Lévi-Strauss, Paul Rivet, Marcel Mauss entre outros. Amparada pela ideia iluminista da paz entre os homens, esta instituição museológica deveria, ao mesmo tempo, mostrar a unidade da espécie humana em sua diversidade cultural e apresentar as relações, as trocas e os intercâmbios entre as culturas, no sentido de enfatizar as diferenças culturais como elementos fundamentais e enriquecedores da humanidade (ABREU, 2008:128).

Nos círculos acadêmicos e políticos do período pós-guerra, já não mais fazia sentido atribuir as diferenças culturais aos estágios evolutivos<sup>9</sup> ou à difu-

---

presidente eleita do Icom, Suay Aksoy, o Conselho de Administração do Icom nomeou Alberto Garlandini como o novo presidente.

8 Este museu inspirou a criação de outros museus pelo mundo e teve no Brasil os seus adeptos, como o Museu do Homem do Nordeste, em Recife, Pernambuco (RUSSI e ABREU, 2019:23). Mais sobre o assunto, consultar Abreu (2008: 128-133).

9 Refiro-me, aqui, ao evolucionismo cultural. Esta corrente antropológica, impulsionada pela teoria da evolução biológica, buscou descobrir leis uniformes de evolução e defendeu que todos os diferentes povos deveriam progredir segundo os mesmos estágios culturais, que seriam sucessivos, únicos e obrigatórios. Tais estágios comporiam a cultura humana, no singular (CASTRO, 2004:15). A diferença cultural, nesta perspectiva, era somente uma aparência, porque ela estaria condenada a desaparecer, cedo ou tarde (CUCHE, 1999: 48).



são<sup>10</sup>, conforme as teorias antropológicas vigentes desde a segunda metade do século XIX, uma vez que ganhou reforço o entendimento das culturas humanas como múltiplas e como plurais, constituídas a partir das particularidades históricas de cada sociedade<sup>11</sup>. Tais culturas não eram privilégios de uma parte da humanidade, mas de todas as nações, que deveriam se engajar na preservação dos patrimônios culturais que refletiam a diversidade cultural no mundo para que toda a humanidade pudesse se reconhecer como herdeira das mais importantes e das mais expressivas realizações humanas (GALLOIS, 2006:14-15).

Foi ao longo da segunda metade do século XX que a Unesco destacou a diversidade cultural, promoveu reuniões internacionais, chamou especialistas, traçou planos de investigação na área do patrimônio que contemplaram a diversidade cultural e congregou os estados membros das Nações Unidas a adotarem instrumentos de proteção para o patrimônio cultural e natural (GALLOIS, 2006:15). Os antropólogos envolvidos com o Museu do Homem estiveram também articulados com esta entidade e, no conjunto de iniciativas promovidas, ganhou importância o trabalho de Claude Lévi-Strauss. Este antropólogo escreveu para a Unesco o ensaio “Raça e História” (1952) e, nesta obra, teceu considerações sobre a diversidade das culturas humanas.

Para Lévi-Strauss, a diversidade das culturas humanas era um fenômeno natural, resultante das relações diretas e indiretas entre as sociedades. Tal diversidade precisaria ser mais bem entendida e estudada, considerando que a diversidade das culturas é maior e mais rica do que tudo o que estamos destinados a dela conhecer. Em crítica ao evolucionismo cultural e em combate ao etnocentrismo, este antropólogo defendeu que a verdadeira contribuição das culturas consistiria não na lista de suas invenções particulares, mas no desvio diferencial que ofereciam entre si (LÉVI-STRAUSS, 1976: 328-366).

No cenário museológico internacional, os debates promovidos no campo cultural tiveram impactos. Sendo assim, é importante assinalar alguns marcos referenciais que refletiram estes debates, especialmente a partir das décadas de 1970 e 1980. Este foi o momento de desenvolvimento da Nova Museologia (1972-1985) e, portanto, foi um período marcado pelos seguintes eventos: a realização da Mesa Redonda de Santiago do Chile, em 1972, que gerou a Declaração de Santiago; a criação da Associação Nova Museologia e Experimentação Social (MNES), na França, em 1982; a realização do I Ateliê Internacional da Nova Museologia, no Canadá, que gerou a Declaração de Quebec, em 1984; a realização do evento Ecomuseus: o homem e seu entorno, no México, em 1984, que gerou a Declaração de Oaxtepec; a criação do Movimento Internacional por uma Nova Museologia (Minom), em Lisboa, em 1985, quando aconteceu o II Ateliê Ecomuseus – Nova Museologia com o tema Museus Locais e Nova Museologia e a realização da I Jornadas sobre a Função Social do Museu, em 1988, em Vila Franca de Xira, em Portugal.

10 A respeito do difusionismo, os defensores desta corrente antropológica colocaram todo o peso explicativo da questão da diversidade cultural humana na ideia de difusão, uma vez que pressupunham que a ocorrência de elementos culturais semelhantes em duas regiões geograficamente afastadas era resultado da difusão de elementos culturais entre esses mesmos lugares (CASTRO, 2004: 17).

11 Refiro-me, aqui, à concepção boasiana de cultura. Franz Boas, curador das coleções etnológicas do Museu Americano de História Natural, formulou críticas em relação às teorias evolucionista e difusionista. Este antropólogo rejeitou estes esquemas universalizantes e teve como objetivo o estudo “das culturas”. Boas, no lugar dos macro-esquemas e do método comparativo, defendeu o método histórico, ou seja, o estudo dos processos históricos particulares dos grupos culturais. Esta concepção particularista da cultura implicou na ideia de que cada cultura era única e específica, dotada de estilo particular expresso por meio das línguas, das crenças, dos costumes, das artes que influíam sobre o comportamento dos indivíduos (CUCHE, 1999:39-46).

A Temática Indígena em museus:

questões sobre a diversidade cultural e os desafios para a colaboração indígena

Vale acrescentar que o movimento chamado Nova Museologia influenciou amplamente a Museologia dos anos de 1980, reunindo primeiro alguns teóricos franceses e, a partir de 1984, difundindo-se internacionalmente. Este movimento ideológico trouxe inovações teóricas e metodológicas ao campo museológico, pois retirou o protagonismo dos museus e passou a considerá-los como meros instrumentos para alcançar objetivos sociais, culturais e educacionais mais amplos, transcendeu as paredes dos edifícios institucionais e passou a considerar todo o território como referência patrimonial e campo de ações museológicas, reconheceu diferentes formas museais e processos museológicos desenvolvidos por instituições diversas, ampliou a noção de patrimônio, dialogou com o público e integrou-se às comunidades, contemplou diversos modelos de gestão, valorizou e utilizou diversos saberes e tentou canalizá-los em prol do desenvolvimento de comunidades locais (SANTOS 2002: 115-117; SANTOS, 2017: 81).

Os encontros realizados, os documentos produzidos e o movimento da Nova Museologia desdobraram-se em uma verdadeira revolução no campo museológico internacional. Esta revolução refletiu em novas formas de pesquisas, de colecionamentos e de exposições, bem como em novas formas de museus (ecomuseus, museus de território, museus comunitários etc.) (RUSSI e ABREU, 2019:20). Ademais, refletiu no entendimento de todo e qualquer museu como ação, como gestor social, como espaço de expressão de sua comunidade, como catalisador de relações sociais e institucionais, como instrumento a serviço da sociedade, que deveria estar envolvido no engajamento de sua comunidade e na resolução de seus problemas.

As mudanças e as transformações no campo cultural ganharam novos fôlegos no decorrer dos anos de 1990 e dos anos 2000 em diante, a partir das convenções, das declarações e das recomendações publicadas pela Unesco<sup>12</sup>. Em 1996, foi publicado o relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento, intitulado *Nossa diversidade criadora*, documento que estabeleceu uma agenda centrada na noção de diversidade cultural como eixo para ações da Unesco em diversos campos (RUSSI e ABREU, 2019:28). Cinco anos depois, foi publicada a *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural* e, em 2005, foi publicado o documento da *Convenção sobre a proteção e promoção da Diversidade das Expressões Culturais*.

Estas referências reafirmaram que o respeito à diversidade das culturas, ao diálogo e à cooperação estariam entre as melhores garantias da paz (UNESCO, 2001) e consolidaram o entendimento da diversidade cultural como uma multiplicidade de formas culturais representativas dos diversos grupos sociais, manifestadas no patrimônio cultural e nas expressões culturais, quaisquer que sejam os meios e as tecnologias empregados (UNESCO, 2005).

No campo museológico, a *Recomendação referente à proteção e promoção dos museus e coleções, sua diversidade e seu papel na sociedade*, publicada pela Unesco em 2015, expressou bem tais transformações no campo cultural porque colocou a proteção e a promoção da diversidade cultural e natural como desafios centrais para os museus no século XXI, sendo os museus e as coleções meios primários pelos quais testemunhos tangíveis e intangíveis da natureza e das culturas humanas são salvaguardados. Portanto, há para os museus o compromisso inevitável de promover a diversidade cultural, especialmente para as instituições museológicas que se estruturaram em contextos nacionalistas, imperialistas, elitistas e excludentes (FUNARI, 2020).

12 Mais sobre a atuação da Unesco nos assuntos culturais nas últimas décadas, consultar Mattelart (2005).

Entretanto, o desafio que se coloca para os museus, nos dias de hoje, não é apenas reconhecer a diversidade cultural, usando-a seletivamente como lhe convém ou apresentando-a como um mosaico de recortes identitários, pois isso levaria o debate sobre a diversidade cultural a um vazio político e reafirmaria o museu como espaço onde se mostram, separadamente, as histórias dos diversos grupos sociais e suas distintas práticas culturais. De modo crítico, reflexivo e colaborativo, os museus, por meio de suas exposições e ações educativas, deveriam discutir as especificidades históricas e as diferenças culturais, deveriam introduzir outras narrativas, a favor da diversidade cultural e da inclusão social e deveriam inserir contra narrativas para combater preconceitos e racismos nas histórias que apresentam. Na mesma direção, os museus deveriam identificar as distintas barreiras (físicas, sociais, culturais, econômicas etc.) que dificultam o acesso, a participação e a colaboração de públicos específicos e deveriam elaborar estratégias para eliminá-las.

No que se refere aos povos indígenas, a promoção da diversidade cultural pressupõe o reconhecimento da igual dignidade e o respeito pelas suas culturas (UNESCO, 2005). Em relação aos seus direitos e esses direitos vistos no e pelo museu, são fundamentais o diálogo e o estabelecimento de relações construtivas entre museus e povos indígenas, bem como o respeito à gestão dessas coleções (UNESCO, 2015). Sendo assim, apenas incorporar os conteúdos indígenas aos discursos expositivos não é mais suficiente. É preciso desobjetificar os indígenas, conhecer e incorporar seus interesses e, a partir disso, construir coletivamente oportunidades para que sejam agentes e curadores de suas próprias memórias em museus (ROCA, 2015a:145).

Para tanto, torna-se indispensável o entendimento de que os povos indígenas não aceitam mais que os museus constituídos por não índios tenham o domínio dos discursos históricos que lhes dizem respeito (FREIRE, 2009:249). Ainda, torna-se indispensável o entendimento de que os povos indígenas defendem a necessidade de desconstruir visões estereotipadas que os apresentam como sujeitos exóticos, distantes e a-históricos e de que estes grupos mantêm o interesse de produzir conhecimentos sobre si próprios e de apresentar suas narrativas sobre o passado e sobre as suas culturas (ROCA, 2015b:129).

A esse respeito, Roca (2015a) chamou a atenção para a expressão indigenização dos museus. Segundo esta autora, tal expressão não pode ser confundida com hibridização, processo que conjugaria a soma de museus dominantes mais os conteúdos indígenas. Mais do que somar, a indigenização dos museus é um movimento indígena que colabora com a descolonização (CURY, 2019a: 337) porque consiste na conquista da cena museológica pelos indígenas e nos processos ativados pela atuação destes grupos nos museus (ROCA, 2015a: 142). Tais processos de colaboração são cívicos, pós-coloniais, pautados nas afirmações das identidades culturais, e podem resultar em eficientes instrumentos de afirmação política nos museus (PORTO, 2016:69).

Um dos caminhos para a indigenização dos museus é a colaboração, que pode se colocar como elemento metodológico nos museus tradicionais (ROCA, 2015b: 121). Esta colaboração indígena é fundamental, posto que os indígenas vêm reivindicando e participando de ações e de debates museológicos no Brasil e no mundo (RUSSI e ABREU, 2019). É preciso lembrar que, primeiramente nos Estados Unidos e, depois, em outros países de colonização inglesa, ocorreram transformações no universo museal a partir dos anos de 1960 e 1970, articuladas a movimentos sociais em defesa dos direitos culturais de grupos minoritários, principalmente, negros e indígenas. Desde então, as políticas culturais e

A Temática Indígena em museus:

questões sobre a diversidade cultural e os desafios para a colaboração indígena

museais de países como Estados Unidos e Canadá respondem positivamente às reivindicações civis dos povos indígenas (RUSSI, 2018: 79)<sup>13</sup>.

### Colaboração indígena em museus paulistas e paranaenses

No Brasil, a colaboração indígena é relativamente recente, mas ao mesmo tempo é muito promissora, se articulada aos debates museológicos e antropológicos críticos e pós-coloniais (CURY, 2020b: 140). Nesse contexto, instituições museológicas vêm abrindo novos horizontes descoloniais para os museus que guardam os patrimônios indígenas<sup>14</sup>. No estado de São Paulo, a atuação do MAE-USP ganha destaque. O MAE há anos mantém ações colaborativas e curatorias compartilhadas com indígenas, conduzidas pela antropóloga Fabíola Andréa Silva. Esta antropóloga trabalhou com a coleção Xikrin, reunida e doada à instituição por Lux Vidal, e também trabalhou com a requalificação de coleções Asurini (CURY, 2017b: 90).

Também no MAE-USP, a museóloga Marília Xavier Cury desenvolve ações museológicas baseadas na pesquisa-ação participativa com indígenas no oeste de São Paulo, desde 2010 (CURY, 2012b; CURY, 2016a, CURY, 2016b; CURY, 2017a). Mais recentemente, sob a coordenação desta museóloga, mas também de Carla Gibertoni Carneiro, Maurício André da Silva e Viviane Wermelinger Guimarães, o MAE-USP desenvolveu projeto expográfico colaborativo e autonarrativo com os Guarani Nhandewa, Kaingang e Terena das Terras Indígenas (T.I.) Araribá (em Avaí), Icatu (em Braúna) e Vanuíre (em Arco-Íris), o que resultou, em 2019, na exposição “Resistência já! Fortalecimento e união das culturas indígenas Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena”. A exposição mostra histórias e tradições destes grupos, ao expor objetos, vestimentas e fotografias selecionados pelos próprios indígenas, que atuaram como curadores em todo o processo de concepção da exposição.

Em relação às instituições paulistas que estavam no escopo da pesquisa de pós-doutoramento, a atuação do Museu Índia Vanuíre (MIV) ganha destaque. Este museu é vinculado à SEC-SP, que compartilha a gestão museal com a ACAM Portinari. Tal museu mantém o Centro de Referência Kaingang e dos Povos Indígenas no Oeste Paulista, desde 2012, como estratégia para reunir e disseminar informações sobre as culturas indígenas. Ademais, desde o Plano Museológico de 2008, este museu vem implementando ações em parceria com os grupos indígenas presentes na região centro-oeste do estado de São Paulo. Não por acaso, mas com investimentos públicos, no espaço do MIV, aconteceram debates organizados pelas sete edições do Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus (EPQIM). Tais debates têm como desafio incorporar os saberes e as práticas indígenas ao cotidiano museal, a partir de ações colaborativas com os grupos indígenas presentes na região centro-oeste do estado de São Paulo (CURY, 2020a: 16).

Um dos resultados mais recentes desta parceria foi a publicação da obra *Museus etnográficos e indígenas: aprofundando questões, reformulando ações*, citada no início deste artigo. Este livro contou com a colaboração de autores indígenas que versaram sobre temas que são, para eles, fundamentais, tais como: as pautas comunitárias e os direitos indígenas, a ética aplicada aos remanescentes humanos em museus e o sagrado nos museus, temas complexos que precisam

13 Mais sobre o assunto, consultar Volkert (1997); Roca (2015a) e Ames (2019).

14 Sobre um panorama das ações em curso pelas instituições, ver Cury (2017b).

ser mais discutidos e mais debatidos, levando-se em conta os saberes e os conhecimentos dessas populações tradicionais que, ao mesmo tempo em que reconheceram suas diferenças étnicas, apresentaram-se como parentes que lutam contra o preconceito e que pedem respeito e cuidado aos objetos indígenas musealizados porque entendem o museu como espaço sagrado, assim como os objetos e os remanescentes humanos que ali estão.

O livro contou com artigos sobre os cinco museus indígenas no centro-oeste de São Paulo: o Museu Worikg (Sol Nascente, Kaingang) e o Museu Akãm Orãm Krenak (Novo Olhar Krenak), ambos na T.I. Vanuíre; o museu em formação e a Trilha Museu Dois Povos, Uma Luta, na T.I. Icatu; o Museu Nhandé Mandu'á Rupá, Guarani Nhandewa (Aldeia Nimuendaju) e o Museu Terena, em formação (Aldeia Ekaruá), na T.I. Araribá. Em geral, tais artigos apresentaram as concepções indígenas sobre seus próprios museus, suas trajetórias históricas, a importância fundamental dos mais velhos em suas comunidades e a importância das tradições culturais relacionadas às suas etnias. Destacaram, igualmente, a importância das parcerias estabelecidas para o reconhecimento e a valorização da presença de povos indígenas no território paulista.

No estado do Paraná, as ações promovidas pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal (MAE-UFPR) estão em evidência. Este museu vem explorando e desenvolvendo, nos últimos anos, ações colaborativas e curadorias compartilhadas com indígenas (PEREZ GIL, 2015; LIMA, 2015; CARVALHO, 2015; FRÓIS *et al.*, 2015). Entre as atividades mais recentes desenvolvidas no MAE-UFPR destaco a exposição “Nhande Mbya Reko: Nosso jeito de ser Guarani”. Esta exposição, inaugurada em 2018 e estendida até 2019, foi resultado da colaboração entre cinco comunidades da região litorânea do Paraná – Pindoty (T.I. Ilha da Cotinha-Paranaguá-PR), Kuaray Guata Porã (T.I. Cerco Grande-Guaraqueçaba-PR); Guaviraty e Karaguata Poty (T.I. Sambaqui-Pontal do Paraná-PR), Kuaray Haxa (Morretes-PR) – e o Museu. O objetivo da mostra foi oferecer ao público aspectos da forma de vida, da arte, da cosmologia e da religiosidade Guarani, tendo como ponto de partida o artesanato e, por sua vez, o cotidiano dessas comunidades.

Em relação às instituições paranaenses que estavam no escopo da pesquisa de pós-doutoramento, ganha evidência as ações promovidas pelo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss (MHL). Entre as ações desenvolvidas por este museu destaco o “Seminário sobre culturas indígenas e patrimônios museológicos no norte do Paraná”, realizado no ano de 2016, evento em que colaborei na organização. Este evento contou com ampla participação indígena e, na ocasião, indispensáveis discussões foram realizadas: a importância dos mais velhos para os indígenas, as representações dos indígenas em museus, as responsabilidades dos pesquisadores e dos museus para com os povos indígenas e vice-versa, a presença indígena no norte do Paraná, a importância da preservação dos acervos museológicos relacionados às populações indígenas etc. Durante o seminário aconteceram palestras, debates, oficinas, comunicações e o lançamento do filme documentário *Eg In (Nossa Casa)* pelo Centro de Memória e Cultura Kaingang, com a presença de representantes da Comunidade Indígena Kaingang T.I. Apucarantina e com a realização de várias sessões abertas aos alunos da rede escolar municipal.

Ademais, uma ação especial que chamou a atenção durante o último dia do evento foi a intervenção Kaingang na exposição de longa duração do MHL. Os indígenas que participaram do seminário, acompanhados dos líderes de suas comunidades, fizeram um manifesto no espaço expositivo. Em cerimônia espe-

A Temática Indígena em museus:

questões sobre a diversidade cultural e os desafios para a colaboração indígena

cial, na entrada da exposição, onde se fazia alusão aos povos indígenas da região, cobriram o painel de apresentação desse espaço com um pano preto, onde estava escrito “(...) essa terra era vazia de gente (...)” e escreveram em português e em kaingang “Falaram que aqui era um deserto, mas estamos vivos e estamos aqui”. O MHL acolheu a manifestação e refez, entre 2018 e 2019, a ala destinada à memória indígena das etnias Guarani, Kaingang e Xetá, contando com a atuação de curadores indígenas e com o financiamento a partir de recursos públicos municipais.

### Considerações finais

Retomando a introdução e o desenvolvimento deste artigo, apresentei, de forma sucinta, alguns possíveis sentidos atribuídos aos objetos indígenas em exposições de instituições localizadas no oeste do estado de São Paulo e no norte do estado do Paraná. Os resultados dessa análise revelaram que a temática indígena nas exposições visitadas atende, sobretudo, às lógicas e aos discursos disciplinares, ficando muito dependente dos campos científicos com os quais esses museus dialogam, seja a História, a Antropologia, a Arqueologia ou as Ciências Naturais, e estando ainda muito distantes das visões e das expectativas dos próprios grupos indígenas.

A partir desses resultados e procurando ampliar o debate, abordei o tema da diversidade cultural, em uma perspectiva histórica, e apresentei reflexões sobre a colaboração indígena em museus, trazendo alguns exemplos de museus que desenvolvem ações colaborativas com grupos indígenas nos estados de São Paulo e do Paraná.

Muito embora existam essas destacadas ações colaborativas nesses museus, não há ainda uma abrangência estadual na maioria de outros museus paulistas e paranaenses que também deveriam atuar no sentido de desenvolver ações que tenham a promoção da diversidade cultural dos povos indígenas como compromisso prioritário e a colaboração indígena como método essencial. Para tanto, os museus aqui citados necessitam de visibilidade, de apoios financeiros, de parcerias e projetos e de financiamentos institucionais, mas, prioritariamente, precisam de políticas públicas e de legislações coerentes para o enfrentamento de suas demandas cotidianas e para a realização de seus compromissos culturais, sociais e educacionais.

Em relação ao compromisso da promoção da diversidade cultural, caberia a essas instituições (re) criar possibilidades de relações entre os museus e os diferentes povos indígenas locais-regionais, respeitando seus direitos e seus posicionamentos; reforçar o debate sobre novas ressignificações do patrimônio indígena musealizado; apropriar e legitimar diferentes narrativas a respeito dos passados e dos acervos étnicos; construir conjuntamente conhecimentos; equilibrar diferentes discursos expositivos (LIMA, 2020:217) e, finalmente, res-sacralizar o museu como espaço de manifestação e de atuação do sagrado, considerando um novo sentido para os acervos indígenas: o espiritual (CURY, 2017a; CURY, 2017b; CURY, 2019b; CURY, 2020a).

Entretanto, é preciso reforçar que tais desafios não serão alcançados e superados a partir de processos baseados em consultas aos indígenas como informantes sobre seus conhecimentos, suas técnicas ou seus objetos. As ações desenvolvidas em parceria com indígenas requerem, dos museus, mudanças e transformações, que devem ser orientadas pelos processos de indigenização e de descolonização. Um dos caminhos para essas mudanças e transformações é

a colaboração indígena. Para colocá-la em prática é necessário atentar para suas exigências.

A colaboração indígena em museus exige que os propósitos, entre indígenas e museus, estejam muito claros durante todo o processo e que tais propósitos sejam constituídos a partir de relações sustentadas pela confiança e pelo respeito; exige que novos procedimentos e que novas éticas sejam apropriadas pelas equipes dos museus e que essa “nova” política institucional esteja amparada no reconhecimento da legitimidade dos saberes indígenas, no respeito às suas práticas culturais e aos seus direitos constitucionais; exige recursos financeiros, organização orçamentária flexível e gestão continuada da equipe do museu (CURY, 2019a: 337-343) e, finalmente, exige a inserção de indígenas em todo o processo museológico como curadores e como agentes de suas próprias memórias nas instituições museológicas.

## Referências

ABREU, Regina. Tal antropologia qual museu? *Revista do MAE*, São Paulo, Suplemento 7, p. 121-143, 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/usuario/Downloads/113502-Texto%20do%20artigo-205362-1-10-20160329.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2020.

\_\_\_\_\_. Museus indígenas no Brasil: notas sobre as experiências Tikuna, Wajãpi, Karipuna, Palikur, Galibi-Marworno e Galibi Kali'na. In: FAULHABER, Priscila; DOMINGUES, Heloisa M. B.; BORGES, Luiz C. *Ciências e fronteiras*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, p. 285-312, 2012.

AMES, Michael. “Cannibal tours”, “glasses boxes” e a política de interpretação. In: OLIVEIRA, João Pacheco de; SANTOS, Rita de Cássia (Org.). *De acervos coloniais aos museus indígenas: formas de protagonismo e de construção da ilusão museal*. Trad. Rafaela Mendes Medeiros, revisão de Rita de Cássia Melo Santos. João Pessoa: Editora da UFPB, p. 51-68, 2019.

ATHIAS, Renato; GOMES, Alexandre. Introdução. In: ATHIAS, Renato; GOMES, Alexandre (Org.). *Coleções etnográficas, museus indígenas e processos museológicos*. Recife: EdUFPE, p. 17-26, 2016. Disponível em: <https://www.academia.edu/37321962/Cole%C3%A7%C3%B5es\_Etnogr%C3%A1ficas\_museus\_ind%C3%ADgenas\_e\_processos\_museol%C3%B3gicos>. Acesso em: 14 jun. 2020.

BRULON, Bruno. Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, Nova Série, vol. 28, p. 1-30, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/anaismp/v28/1982-0267-anaismp-28-e1.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2020.

CARVALHO, Josué. O museu, o nativo e a musealização do objeto. *Dossiê Etnologia e Museus*. Campos 16(2), p. 59-74, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/48273/pdf>. Acesso em: 01 jul. 2020.

CASTRO, Celso (Org.). *Franz Boas: Antropologia Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

A Temática Indígena em museus:

questões sobre a diversidade cultural e os desafios para a colaboração indígena

CUCHE, Denis. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.

CUÉLLAR, Javier Pérez de (org.). *Nossa diversidade criadora*: Relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento. Brasília: Unesco/Papirus Editora, 1997.

CURY, Marília Xavier. Museologia: novas tendências. In: Marcus Granato, Claudia Penha dos Santos e Maria Lucia de N. M. Loureiro. *Museu e museologia: Interfaces e perspectivas*. RJ: MAST, p. 25-41, 2009. Disponível em: <[https://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/956/1/mast\\_colloquia\\_11.pdf](https://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/956/1/mast_colloquia_11.pdf)>. Acesso em: 27 jul. 2020.

\_\_\_\_\_. Análise de Exposições Antropológicas – Subsídio para uma Crítica. In: *XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, XIII Enancib, p. 1-20, 2012a. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xiiienancib/paper/view/3923/3046>>. Acesso em: 14 jun. 2020.

\_\_\_\_\_. Museologia, comunicação museológica e narrativa indígena: a experiência do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre. *Museologia & Interdisciplinaridade*, n. 1, p. 49-76, 2012b. Disponível em: <[seer.bce.unb.br/index.php/museologia/article/view/6842/5514](http://seer.bce.unb.br/index.php/museologia/article/view/6842/5514)>. Acesso em: 05 maio 2020.

\_\_\_\_\_. *Roteiro de Observações para visita a museus*. Disciplina “MEA 16 – Exposições Antropológicas”, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2013.

\_\_\_\_\_. (org.). *Museus e indígenas - Saberes e ética, novos paradigmas em debate*. 1. ed. São Paulo: Secretaria da Cultura; ACAM Portinari; Museu de Arqueologia e Etnologia-USP, 2016a.

\_\_\_\_\_. (org.). *Direitos indígenas no museu - Novos procedimentos para uma nova política: a gestão de acervo em discussão*. 1. ed. Brodowski, São Paulo: Secretaria da Cultura; ACAM Portinari; Museu de Arqueologia e Etnologia-USP, 2016b.

\_\_\_\_\_. Circuitos museais para a visitação crítica: descolonização e protagonismo indígena. *Revista Iberoamericana de Turismo- RITUR*, Penedo, v. 7, Dossiê Número 3, p. 87-113, dez. 2017a. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/4175>>. Acesso em: 13 maio 2020.

\_\_\_\_\_. Lições indígenas para a descolonização dos museus: processos comunicacionais em discussão. *Cadernos CIMEAC*, Uberaba, MG, v. 7, n. 1, p. 184-211, 2017b. Disponível em: <<http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/cimeac/article/view/2199>>. Acesso em: 13 maio 2020.

\_\_\_\_\_. Museu e exposição: o exercício comunicacional da colaboração e da descolonização com indígenas. In: GALÚCIO, Ana V.; PRUDENTE, Ana L. (Orgs). *Museu Goeldi: 150 anos de ciência na Amazônia*, Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, p. 316-350, 2019a. Disponível em: <<https://www.museu-goeldi.br/assuntos/publicacao/museu-goeldi-150-anos-de-ciencia-na-amazonia.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2020.



\_\_\_\_\_. The sacred in museums, the Museology of the sacred: the spirituality of indigenous people. *Icofom Study Series*, n. 47, p. 89-104, 2019b. DOI: <https://doi.org/10.4000/iss.1529>.

\_\_\_\_\_. (org.) *Museus etnográficos e indígenas - aprofundando questões, reformulando ações*. I. ed. São Paulo. Brodowski: Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, ACAM Portinari; Museu de Arqueologia-USP, 2020a. Disponível em: <<http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/464>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

\_\_\_\_\_. Metamuseologia – reflexividade sobre a tríade musealia, musealidade e musealização, museus etnográficos e participação indígena. *Museologia & Interdisciplinaridade*, Vol. 9, n.º 17, Jan./Jul, p. 129-146, 2020b. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/29480>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

FREIRE, José Ribamar Bessa. A descoberta do museu pelos índios. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina, p. 217-25, 2009.

FRÓIS, Douglas; ZARPELLON, Mariana; RODRIGUES, Marisa Cristina; GARCIA, Ramiro G. Entrelaçados pelos Kãchi: perspectivas de uma curadoria compartilhada. *Dossiê Etnologia e Museus*. Campos 16(2), p. 128-137, 2015. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/53471/pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

FUNARI, Pedro Paulo A. A diversidade como desafio. *Revista Museu*, 18 de maio de 2020. Disponível em: <<https://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2020/8483-a-diversidade-como-desafio.html>>. Acesso em: 18 maio 2020.

GALLOIS, Dominique Tilkin (Org.). *Patrimônio Cultural Imaterial e Povos Indígenas*. Exemplos no Amapá e Norte do Pará. Iepé: Macapá, 2006. Disponível em: <[https://www.institutoiepe.org.br/media/livros/livro\\_patrimonio\\_cultural\\_imaterial\\_e\\_povos\\_indigenas-baixa\\_resolucao.pdf](https://www.institutoiepe.org.br/media/livros/livro_patrimonio_cultural_imaterial_e_povos_indigenas-baixa_resolucao.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2020.

GRUPIONI, Luís D. B. Os museus etnográficos, os povos indígenas e a antropologia: reflexões sobre a trajetória de um campo de relações. *Revista do MAE*, Suplemento 7, p. 21-33, 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rev-maesupl/article/view/113491/111446>>. Acesso em: 17 abril 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). *Guia dos Museus Brasileiros*. Brasília, 2011. Disponível em: <[http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb\\_extintos.pdf](http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb_extintos.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2020.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e História. In: *Antropologia Estrutural II*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976, capítulo XVIII, p. 328-366.

LIMA, Edilene Coffaci de. O kãchi no MAE/UFPR: sobre uma experiência de curadoria compartilhada. *Dossiê Etnologia e Museus*. Campos 16(2), p. 44-58, 2015. Disponível em: <[file:///C:/Users/usuario/Downloads/document%20\(12\).pdf](file:///C:/Users/usuario/Downloads/document%20(12).pdf)>. Acesso em: 18 jul. 2020.

A Temática Indígena em museus:

questões sobre a diversidade cultural e os desafios para a colaboração indígena

LIMA, Leilane P. de. A arqueologia e o patrimônio arqueológico indígena em exposições museais no Centro-Oeste de São Paulo e Norte do Paraná. In: CURY, Marília X. (Org.). *Direitos indígenas no Museu: novos procedimentos para uma nova política: a gestão de acervos em discussão*. São Paulo: Secretaria da Cultura: ACAM Portinari: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, p. 115-127, 2016. Disponível em: <<http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/116>>. Acesso em: 12 jun. 2020.

\_\_\_\_\_. A comunicação em museus e a temática indígena em exposições: questões gerais e desafios atuais. In: CURY, Marília X. (Org.). *Museus etnográficos e indígenas: aprofundando questões, reformulando ações*. 1 ed. São Paulo: Secretaria de Cultura e Economia Criativa; ACAM Portinari, Museu de Arqueologia e Etnologia, p. 203-220, 2020. Disponível em: <<http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/464>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

LORENTE, Jesús P. El multiculturalismo como piedra de toque en Canadá: los museos de Vancouver a la luz de la museología crítica. *HER&MUS* 6, v. III, n. 1, p. 112-129, 2011.

MATTLART, Armand. *Diversidade cultural e mundialização*. Parábola: São Paulo, 2005.

MONIZ, Jorge Botelho. Diversidade Cultural: um conceito fundamental para o estudo dos fenômenos religiosos modernos. *Revista de Ciências Sociais*. Fortaleza, v. 50, n. 2, jul./out., p. 73-109, 2019. Disponível em: <[file:///C:/Users/usuario/Downloads/39632-Texto%20do%20artigo-134224-1-10-20190704%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/usuario/Downloads/39632-Texto%20do%20artigo-134224-1-10-20190704%20(1).pdf)>. Acesso em: 23 jul. 2020.

NASCENTE, Livia da Silva. *Memória, Museu e Narrativas Coletivas – Os Povos Indígenas do Oiapoque no Museu do Índio*. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

OLIVEIRA, João Pacheco de. O retrato de um menino Bororo: narrativas sobre o destino dos índios e o horizonte político dos museus, século XIX e XXI. *Tempo*, v. 12, n.23, p. 85-111, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a06>>. Acesso em: 13 maio 2020.

OLIVEIRA, João Pacheco de; SANTOS, Rita C. M. Descolonizando a ilusão museal - etnografia de uma proposta expositiva. In: LIMA FILHO, M. F.; ABREU, R.; ATHIAS, R. (org.). *Museus e atores sociais: perspectivas antropológicas*. Recife: UFPE: ABA, p. 17-55, 2016.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: OLIVEIRA, J. P de; SANTOS, R. C. (Org.). *De acervos coloniais aos museus indígenas: formas de protagonismo e de construção da ilusão museal*. Trad. Rafaela Mendes Medeiros, revisão de Rita de Cássia Melo Santos. João Pessoa: Editora da UFPB, p. 7-25, 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural*, 2001. Disponível em: <[http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/diversity/pdf/declaration\\_cultural\\_diversity\\_pt.pdf](http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/diversity/pdf/declaration_cultural_diversity_pt.pdf)>. Acesso em: 22 jun. 2020.

\_\_\_\_\_. *Convenção sobre a proteção e promoção da Diversidade das Expressões Culturais*, 2005. Disponível em: <<http://www.ibermuseus.org/wp-content/uploads/2014/07/convencao-sobre-a-diversidade-das-expressoes-culturais-unesco-2005.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2020.

\_\_\_\_\_. *Recomendação referente à proteção e promoção dos museus e coleções, sua diversidade e seu papel na sociedade*, 2015. Disponível em: <<http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2017/05/RecomendacaoProtecaoMuseuseColecoes.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2020.

PEREZ GIL, Laura. Introdução ao dossiê Etnologia e Museus. *Dossiê Etnologia e Museus*. Campos 16(2): 44-58, p. 11-15, 2015. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/53440/pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

PORTO, Nuno. Para uma Museologia do Sul Global: multiversidade, descolonização e indigenização dos museus. *Revista Mundaú*, n. 1, p.59-72, 2016. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/revistamundau/article/view/2367/2109>>. Acesso em: 18 jul. 2020.

ROCA, Andrea. Acerca dos processos de indigenização dos museus: uma análise comparativa. *Mana*, v. 21, n. 1, p. 123-155, 2015a. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132015000100123&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132015000100123&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 01 jul. 2020.

\_\_\_\_\_. Museus indígenas na Costa Noroeste do Canadá e nos Estados Unidos: colaboração, colecionamento e autorrepresentação. *Revista de Antropologia* 58(2), p. 117-142, 2015b. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/108515>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

RUSSI, Adriana T. de Mello. Coleções etnográficas, povos indígenas e práticas de representação: as mudanças nos processos museais com as experiências colaborativas. *Sociedade e Cultura*, v. 21, p. 72-94, 2018.

RUSSI, Adriana; ABREU, Regina. “Museologia colaborativa”: diferentes processos nas relações entre antropólogos, coleções etnográficas e povos indígenas. *Horiz. Antropol.*, v. 25, n. 53, p. 17-46, 2019. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832019000100017&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832019000100017&tlng=pt)>. Acesso em: 23 jun. 2020.

SALADINO, Alejandra. Museus e Arqueologia: algumas reflexões. *Cadernos de Sociomuseologia*, v. 10, p. 89-112, 2017. Disponível em: <[revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/5950/3682](http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/5950/3682)>. Acesso em: 14 maio 2020.

SANTOS, Maria Célia T. M. Reflexões sobre a Nova Museologia. *Cadernos da Sociomuseologia* n° 18, p. 93-139, 2002.

SANTOS, Suzy da S. *Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil: estudo exploratório de possibilidades museológicas*. Dissertação (Mestrado em Museologia), Interunidades em Museologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

A Temática Indígena em museus:

questões sobre a diversidade cultural e os desafios para a colaboração indígena

THOMPSON, Analucia. Objetos indígenas: do artificial ao imaterial. *Antíteses*, v. 7, n. 14, p. 258-281, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/viewFile/19179/15643>>. Acesso em: 12 jun. 2020.

VELTHEM, Lucia H. van. O objeto etnográfico é irredutível? Pistas sobre novos sentidos e análises. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 7, n. 1, p. 51-66, jan./abr. 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v7n1/a05v7n1.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2020.

VOLKERT, James. Los museos en los albores del siglo XXI. *Ciencia Hoy*, 1997. Disponível em: <<http://ciencia hoy.org.ar/1997/06/los-museos-en-los-albores-del-siglo-xxi>>. Acesso em: 24 jun. 2020.

Recebido em 01 de outubro de 2020

Aprovado em 12 de dezembro de 2020